

Dançando e resistindo ou a resistênciã pela dança: os espaços e as representações ao entorno de três museus da cidade do Estado do Rio de Janeiro.

Mirila Greicy Bittencourt Cunha.

Cita:

Mirila Greicy Bittencourt Cunha (2017). *Dançando e resistindo ou a resistênciã pela dança: os espaços e as representações ao entorno de três museus da cidade do Estado do Rio de Janeiro*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/3369>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

DANÇANDO E RESISTINDO OU A RESISTÊNCIA PELA DANÇA: OS ESPAÇOS E AS
REPRESENTAÇÕES AO ENTORNO DE TRÊS MUSEUS DA CIDADE DO ESTADO DO RIO
DE JANEIRO

Mirila Greicy Bittencourt Cunha

mirila.greicy@pq.uenf.br

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

Brasil (Campos dos Goytacazes/RJ)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Este estudo é atravessado por vivência corporal de mais de dez anos de atuações em ruas e espaços públicos urbanos. Enquanto intérprete-bailarina, minha imagem esteve entrelaçada ao corpo político “que dança propondo questões para o mundo”. Palavras do crítico de dança Roberto Pereira (1965-2009). Segundo ele, este corpo político teria “o desafio de construir no corpo uma ideia, uma questão, e de marcar um território para que o público tivesse espaço para entendê-la.” (apud AZEVEDO, 2012, p.1). Através da pesquisa realizada para a conclusão do curso de bacharel em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, com olhar distanciado (LÉVI-STRAUSS), não mais como intérprete nem como público, questionamentos e problematizações referente aos espaços e as representações foram constituídas no diálogo que se faz existente quando jovens utilizam o contorno das estruturas físicas de museus para dançar. Para tal, considera-se importante os processos existentes de adequação para/ao/do espaço com/pelo/ao corpo, nos endereços da cidade do Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, especificamente as laterais do prédio de acesso à porta da entrada, e a Praça Mauá, que envolve o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio, designadamente embaixo das árvores de uma das laterais da praça. Nestes espaços, jovens, em sua maioria homens, não brancos, de classe social entre média e baixa, levam seus sons, acessórios e água para ficarem horas dançando, treinando e trocando ensinamentos e conhecimentos não só do corpo como também de suas próprias vidas. Alcançam o desenvolvimento do *funk* indo desde o *Funk Music*, utilizado pelos *Break Boys* até o *Funk Carioca* usado no “passinho”. Dessa maneira vão se “reconheSendo” enquanto indivíduos em identidade, e “ressigniFicando” estes espaços através da prática da dança. Assim, esta análise, que circunda museus considerados de referência no Rio atenta às quais relações perpassam o envolvimento junto aos jovens que, com ponto comum na prática da dança, se encontram e ocupam as estruturas físicas, mas não adentram estes museus.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This study is crossed by corporal experiences of more than ten years of actuations in urban streets and public spaces. As ballet dancer-interpreter, my image has been involved with the political body “who dance proposing questions to the world”. According to the words from the Dance critic Roberto Pereira, this political body would have “the challenger of bild in the body an idea, a question, and marking a territory for the public had space to understand it. (apud AZEVEDO, 2012, p.1). Through the researchs done for the conclusion of the Social Sciences university course of the Federal Fluminense University. With a distant look. (LÉVI-STRAUSS), no more as an interpreter nor as a public. Questions and problematizations concerning the spaces and the representations were constituted in a dialogue that exist when young people use the outline of the physical structures of the museums to dance. For this, it is considered important the existing processes of adaptation to / from / the space with / by / the body, in some addresses from Rio de Janeiro city: Museu de Arte Moderna, specifically the sides of the building that we can access to the entrance door. And the Mauá square, that involves the “Museu do Amanhã” and the “Museu de Arte do Rio”, namely under the trees on one side of the square. In these spaces, young people, mostly men, black, and social class between middle and low, take their sounds, accessories and water to spend hours dancing, training and exchanging teachings and knowledge not only of the body but also of their own lives. They get the development of *funk* going since to *Funk Music*, used by the *break boys*, until the *funk carioca* used in the “passinho”. In this way they are going to "recognizing" themselves as individuals in identity, and "resigning" these spaces through the practice of dance. Thus, this analysis, which surrounds museums considered as references in Rio, attentive to the witch relationships, that permeate the involvement of these young people who, having the common point the practice of dance, meet and occupy physical structures, but don't enter these museums.

Palavras-chave

Dança, Museus, Rio de Janeiro.

Keywords

Dance, Museums, Rio de Janeiro.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Se o “homem dançava por tudo o que tinha um significado, sempre em forma de um ritual, podemos dizer que a dança é a arte mais antiga que o homem experimentou...” (VERDERI, 2009, p. 25). E arte como experiência transcendente “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (BONDÍA, 2002, p.21).

Nesse sentido, a proposta do presente trabalho atua com o par experiência/sentido reflexionado sobre o par prática/teoria a alcançar uma perspectiva política e crítica diante o exercício desta pesquisa que percorre minha própria condição de história de vida enquanto atuante no universo artístico da dança, anteriormente ao ingresso no mundo acadêmico.

A comunicação realizada foi por meio da expressão das linguagens corporais em procedimento metodológico com base na experiência tendo em vista à superação das quatro características, apresentadas Jorge Larrosa Bordía: 1- excesso de informação que não é experiência, sendo quase o contrário da experiência, uma antiexperiência; 2- excesso de opinião que converte imperativos sobre qualquer coisa dando sentido de informação; 3- por falta de tempo que reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera; 4- por excesso de trabalho que às vezes é confundido com experiência (BONDÍA, 2002).

Mesmo perante a complexidade que se faz presente na modernidade, a enfraquecer a oportunidade do experimento, quando o corpo em forma de fala é compreendido torna-se possível também compreender o que o indivíduo tem a comunicar aos seus semelhantes (SOUZA, 2012).

Assim, o questionamento que advém da experiência da construção conjunta do diálogo entre corpo e cidade ocupou-se até o momento de alguns locais da metrópole do Rio de Janeiro utilizados por uma juventude que argumenta a atual tendência de privações e demarcações de funcionalidades e uso dos espaços. Realizam práticas de encontros para ensaios e treinos de danças urbanas em localidades como as estruturas laterais do Museu de Arte Moderna (MAM) e uma delimitada parte da Praça Mauá (entre o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio (MAR)).

À ocasião da submissão de resumos para a participação do XXXI Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS), final de 2016 (agosto) e início de 2017 (fevereiro), a



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pesquisa encontrava-se ainda apenas como um pré-projeto em período de processo seletivo para o ingresso então aprovado e iniciado à maestria em Sociologia Política em abril de 2017 na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF/ Campos dos Goytacazes-RJ/ Brasil).

Com aprofundamento, a intenção da pesquisa anteriormente restrita aos espaços que circundam os três museus (MAM, MAR e Do Amanhã) e com os grupos de jovens particularizados nas práticas das danças *breakdance* e passinho, encontra-se agora com abordagem ampliada mediante a própria demanda dos partícipes do estudo nas realizações de experiências no campo de pesquisa.

Sendo este o primeiro ano da formação acadêmica compreende-se que se trata, de uma análise ainda em curso, iniciada com o objetivo de investigar a atividade de dança em espaços públicos da cidade por jovens que a circulam de ponta a ponta sem se ocultarem frente às transformações dos espaços como, por exemplo: investimentos e restaurações que visam ao turismo frente as obras realizadas em curto período sendo o Rio sede dos megaeventos, Copa do Mundo (2014), Jogos Olímpicos e Paraolimpíadas (2016).

Com reforço interdisciplinar “a altura de seu cotidiano”, em condição necessária ao pesquisador defendido por Weber em ser aquele que

(...) Não lhe basta conhecer o poder (institucional explícito), deve perceber o fluxo da potência (subterrânea). (...) Mescla de antropólogo, de fotógrafo, de repórter, de cronista e de romancista, necessita captar e narrar à fluência, o extraordinário e a complexidade do vivido (FILHO, 2007, p. 3).

esta pesquisa aspira avaliar por meio de metodologias que percorrem da observação, às entrevistas e experiências de itinerários com alguns jovens que utilizam os espaços públicos da cidade para dançar, a trazer indagações como: Quem é esta juventude em maioria homens, não brancos e de classe média e baixa, que com danças urbanas ocupam espaços públicos e arredores de instituições de difusão da arte? Como as instituições como locais específicos para a convivência e proximidade com exibições e apreciação da arte reproduzem a manutenção e o sustento de seu uso a limitar trabalhos artísticos, os próprios artistas e o público, diante seleções, curadorias e cobrança de ingressos? O que significa a frequência diária de jovens às margens de estruturas físicas públicas com “expres-



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sões artísticas”, ao exemplo dos museus, que, diferentemente, não os motivam ao conteúdo artístico disponibilizado no seu interior, a serem frequentadores destes espaços, havendo jovens que nunca entraram? Como aprofundar a compreensão de práticas de encontros no cotidiano que reside “às margens”?



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco Teórico

O marco teórico desta proposta tem como fonte de influência a teoria sobre a prática cotidiana percebida nas ciências humanas e sociais bem como o impacto da verificação empírica à teoria. Para isto, o diálogo será por meio do uso da linguagem corporal, enquanto recurso da modalidade dança: rica de significados que se abre ao autoconhecimento e conhecimento do mundo, em movimentos leves ou fortes, diretos ou flexíveis, lentos ou súbitos, controlados ou livres, manifestados através da riqueza dos gestos e de passos utilizados pelo cotidiano que expressam livremente o que é único a cada ser (LABAN, 1990).

Para a data do resumo submetido deste texto, será aqui mantida a observação do passinho na Praça Mauá, mais especificamente nas sombras, debaixo das árvores, de uma das laterais da Praça Mauá que envolve o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio (MAR) ainda que atualmente esta prática não se encontra mais em realização.

Sendo esta uma pesquisa em andamento com previsão da formação *Stricto Sensu*, percebe-se ampliação tanto das modalidades de danças praticadas, quanto das localidades para a realização dos encontros. Por isso fez-se necessário trocar a utilização dos grupos de passinho e *breakdance* para grupos de danças urbanas bem como a abertura aos novos locais de encontros até então registrados: Teatro de Duque de Caxias (Baixada Fluminense); quadra da Mangueira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ, Manguinhos e Centro Coreográfico (Zona Norte); casas noturnas Circo Voador e Fundação Progresso, Orla Conde, Cinelândia e Praça Tiradentes (Centro); Museu de Arte Moderna/MAM, Aterro do Flamengo, Teatro Cacilda Becker, Academia Reboco das Artes e Cantagalo (Zona Sul); e Campo Grande (Zona Oeste).

Contudo, como as informações presentes e realizadas no princípio da pesquisa até o alcance e entendimento que se tem hoje, segue algumas considerações sobre os grupos iniciais do estudo: *B. Boy (Break Boys)* e *B. Girl (Break Girl)* são aqueles e aquelas que dançam no *break* das músicas *Funk Music*, do *breakdance*. O *breakdance* é o elemento dança, dentre os cinco elementos que constitui o *Hip Hop*, movimento iniciado durante a década de 1970, nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. Tem África Bambaataa reconhecido como o criador do movimento que une os pilares



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

essenciais: *rap*, *DJ*, *graffiti* e o conhecimento. Estes dançarinos ocupam os vãos laterais do MAM, quase que consolidados diante a quantidade e frequência das realizações da prática destes encontros.

O passinho, de origem incerta, tem o vídeo “Passinho Foda” postado na plataforma de distribuição digital de vídeos, *Youtube*, no ano de 2008¹, como o de maior estímulo à sua eclosão. Existe há mais de dez anos nas comunidades do Rio de Janeiro e trata-se de uma dança vertical, com execuções de movimentos de pernas em sequências de rápidos movimentos com os pés, facilitados pelas movimentações também aceleradas realizadas com a cintura. Uma mistura de vários tipos de referências: balé clássico, *stiletto*, contorcionismo, mímica, capoeira, frevo, *kuduro* e performance teatral. Normalmente o olhar dos dançarinos é direcionado para o chão, por seguirem o movimento de seus pés. No passinho não há regras de certo e errado. Sem imitações a criatividade promove a reinvenção: da relação, do espaço e dos estilos que se tornam únicos a concretizar uma marca. Uma dança que em seu maior período é realizada de maneira improvisada. Que ao corpo de seus respectivos dançarinos soa tão natural quanto respirar. Utilizada para expressarem suas condições e maneiras de se fazerem vivos além das “emoções - afeto, temor, raiva, aprovação e recusa - sem outra organização que aquela imposta pela estrutura do corpo e sem orientação além do ritmo.” (CHARÃO, 2002, p. 58).

Como o universo do passinho alcança abordagens como mídias, plataformas de internet, corpo, gênero, música, dança, cidade, instituições culturais, participação na cerimônia dos Jogos Olímpicos (Rio 2016), lançamento do filme “A Batalha do Passinho” (direção de Emílio Domingos, 2012) e viagem internacional para apresentação na cerimônia de encerramento dos Jogos Paraolímpicos de Londres em 2012, parcerias com ícones do pop como Chris Brown, Beyonce, Ricky Martin e exibição de vídeo na BBC e New York Times durante a Copa do Mundo de 2014, o caso da Cia de Dança Na Batalha, uma companhia de dança recém-formada, com onze dançarinos entre 16 a 22 anos de idade, com uma integrante do sexo feminino, moradores de diferentes pontos da cidade tendo estreado musical teatral com o passinho no Theatro Municipal do Rio de Janeiro² foi produ-

¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=S-gjytnMvZ8>>.

² O espetáculo ocorreu dia 31 de maio de 2015 conforme descrição na página do site de relacionamentos: “Facebook oficial da Cia. de dança NA BATALHA, formada por onze dançarinos de Passinho Foda do Rio de Janeiro. Curta!” <<https://pt-br.facebook.com/espeticulonabatalha>>. Acesso em 20 janeiro 2017.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

zido um trabalho apresentado na V Jornada de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora³ com o material conseguido anteriormente à impossibilidade de continuar com estes estudos devido a inexistência dos encontros dos grupos, dentro do período de seis meses (de maio a outubro de 2017).

Uma hipótese para a não permanência dos jovens à realização do (na Praça Mauá) é a de que os encontros apenas ocorreram naquela ocasião, cujo contexto histórico revelava a descoberta, o ápice e a divulgação tanto do passinho quanto do local então considerado “palco” do Rio: a revitalização da Praça Mauá, conjuntura recém-inaugurada com o Museu do Amanhã, o Boulevard Olímpico, a Orla Conde e o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), com grande número de visitantes durante o período do final de 2016 ao início de 2017.

Conjunto espaço e tempo em que a cidade carioca enfrentou lógica “disneificada” (HARVEY, 2005) decorrida pelo capitalismo e globalização a tornar países menos únicos e especiais ao passo que padroniza comercialmente, ao modo *comodities* a condição e estrutura vital local.

No ano de 2016, o Rio reproduziu a modelagem dos jogos olímpicos de Barcelona em 1992: revitaliza e modernização do porto, construção de museu e aquário e outros “embelezamento arquitetônico” que proporciona “acumulação de rendas monopolistas”, “capital simbólico” e “espetáculo urbano”.

³ Quem dá os passos do *Passinho*?: um estudo sobre representação e difusão dessa dança



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodologia

Diante as formas de diferenciação das territorialidades estes jovens assumem o processo discursivo de corpo abjeto: “corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante’” (PRINS e MEIJER, 2002, p. 162). Pois, dançando nestes espaços, “não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito” (BUTLER, 2000, p. 155).

Ou seja, a dança dos corpos juvenis, de regiões desassistidas pelo governo, ao usufruírem as periferias dos espaços e das estruturas realizam o consumo destes ambientes e assim registram sua condição existencial. Desse modo, as questões sociais, econômicas, políticas, entre outras, presentes nestes espaços, em suas representações e ao processo de institucionalização artística, podem modelar e contribuir para o reconhecimento de desigualdades sócio e cultural existentes na sociedade.

Por permitir “observar como as diferentes margens espaciais, sociais e culturais crescem na cidade contemporânea” (REGINENSI, 2015, p.19) a abordagem destes jovens, que se reúnem para dançar em espaços da cidade do Rio de Janeiro em situações que provocam uma imagem de estarem à beira da cultura, como corpos abjetos, por não serem frequentadores e nem usufruírem dos prédios em si nem dos serviços oferecidos no interior, como aprofundar a compreensão de práticas no cotidiano que residem nas margens?

Uma vez que “as margens evocam lugares que não correspondem às regras e normas estabelecidas pelo Estado” (REGINENSI, 2015, p.19) a metodologia para esta pesquisa combinará métodos apreendidos pela formação de cientista social, que usufrui das práticas qualitativas que percorrem da observação, às entrevistas e experiências de itinerários. Em reconhecimento e questionamento da validade das informações dos informantes desde Malinowski (CLIFFORD, 1998) à proposta de Colette Pétonnet, com o exercício de andar, ver, conversar e escrever: “O autor trabalhou sobre a noção de situação social ... [sendo] possível diferenciar os lugares em função das condições de acesso aos outros.” (REGINENSI, 2015, p.28).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O estudo compreende através do diálogo da linguagem corporal - que é o modo de expressão destes grupos de jovens que dançam -, o motivo das escolhas destes locais urbanos para suas práticas, considerando importante não só o estudo de quem dança, mas também de onde se dança.

Para tanto, as relações e interações das linguagens entre corpo e espaço, resolvem resultados da experiência em aprofundamento e desenvolver acadêmico das teorias e empirias no tocante as influências da pesquisa cujas representações envolvem abordagens variadas de leituras desde a antropologia das emoções à comunicação em interdisciplinaridade como às artes visuais e à geografia e arquitetura - pelo uso de análise por via de imagens através de registros fotográficos e mapeamento dos locais apresentados nos trajetos dos itinerários.

Um estudo do “cotidiano e o[s] lugar[es que] trazem a necessidade de refletir sobre o não-dito, o invisível, o anônimo (RIBEIRO, 2005), que aqui estão configurados na juventude de grupos de jovens, em maioria homens, não pretos, de classe social entre média e baixa que se locomovem entre pontos da cidade do Rio de Janeiro, com seus sons, acessórios, água e alimento para ficar horas dançando, treinando e trocando ensinamentos e conhecimentos não só do corpo como também de suas próprias (trajetórias e histórias de) vidas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análises e discussão de dados

Em busca da compreensão aos questionamentos informados na introdução, o decorrer da pesquisa trouxe noções sobre a prática desses encontros de dança como: grupos que utilizam espaços públicos abertos como o Aterro do Flamengo, também possuem oportunidades de encontros em locais fechados como academias de dança para seus ensaios e treinos;

Nesse grupo que eu tava, ele tinha começado aqui. Não sei porque ele começou. Mas quando eu entrei ele era dessa academia que é ali na frente, mais no Largo do Machado. Só que, é uma academia e tal, com espelho, lálalá, maneira, com água, banheiro, só que a coreografa na época a gente também, tipo, como grupo, tava sentindo que tava perdendo alguma coisa do grupo sabe. Uma essência do grupo em dançar numa academia de frente pro espelho..., tava lindo e maravilhoso mas tava sem, sem feeling, e ai a gente decidiu. Tinha até uma época que a gente vinha três finais de semana pra cá e um pra academia. Mas depois acabou ficando aqui mesmo. E também..., não sei acho que tinha uma coisa do ambiente, sabe? De você tá aqui, mesmo com os gatos, de ver o verde, de vir pro aterro. Embora tenha essas dificuldades assim. (falas da interlocutora 2 durante seu itinerário)

a regularidade dos encontros promovem estreitamento dentre as pessoas que por motivos distintos utilizam o mesmo local;

O bacana do MAM assim é que a gente acaba fazendo amizade com as pessoas que trabalham lá. Com os garis que trabalham lá. Com a pessoa que trabalha dentro do MAM coma limpeza que zela pelo, ao redor do MAM. Então ali você, você faz amizade. Então você passa a conhecer todo mundo que tá ali, que trabalha ali, então. Então começa a ter uma troca de conversa super bacana. E isso que, acho que esses que são os encantos do MAM. Esses encontros, essas amizades que surgem. É, e é isso que é prazeroso. É isso que torna o MAM especial. Esses encontros, essas amizades que surgem, essas admirações e..., acho que é isso. (falas da entrevista com a da interlocutora 1)

a frequência produz observação, contato e admiração entre as partes que dividem o mesmo local, sendo possível negociações com funcionários para usufruto de regiões tidas como particulares, permitidas apenas para funcionários, como:

...e tinha os guardinhas. Eu lembro que a gente vinha e ficava pelo menos esses daqui, da portaria. Inclusive liberava esse banheiro pra gente, que era zuado. Aqui é o banheiro. Tinha que pedi a chave la na tia no quiosque: “_ Tia o banheiro”. E o banheiro era zuadão. Quase não tinha vaso, um quadrado, um buraco no chão. E tinha vezes que estava interditado real. Aí a gente tinha a técnica assim, “não, vou



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dançar mais que vai suar mais vai passar” porque vai sair por algum lugar. Ou a gente ia no banheiro lá embaixo. Tem uma padaria, aí comprava um negocinho: “_Ah posso ir no banheiro?” (falas da interlocutora 2 durante seu itinerário)

Por ser um estudo ainda inicial cujas análises e discussões de dados não se encontram terminadas, é um momento de percepção da interlocução dos temas dança e cidade: “das possibilidades de experiência da cidade e seus modos de compartilhamento e transmissão” (BRITTO, 2013, p.36).

A compreensão da interpretação da memória urbana e corporal advinha de minha atuação enquanto criadora e intérprete de dança, anteriormente ao ingresso universitário, agora tem posicionamento diferenciado em presença do condicionamento adquirido por teorias e práticas oferecidas e conquistadas com os procedimentos do curso acadêmico a construir outro (novo) ponto de vista.

Trata-se de uma coafetação, conforme se espera a própria condição da interação, que reconfigura problematizações ante estabelecimento de processos de coimplicação: corpo e cidade. Partilha de experimentos de sistemas urbanos, principiaidos e resultantes da configuração da vida pública. Ou seja, corpografia urbana e corporalidade da cidade que, com dinâmica de circulação do cotidiano propicia uma cartografia da experiência (BRITTO, 2013).

O que antes parecia definido e com metodologia estabelecida, no aprofundamento das análises do campo, questões sobre a “expressão dos contrastes, a teimosia dos usos ‘indevidos’ dos espaços” (BARREIRA, 2010, p.156), dos lugares utilizados pelos dançarinos e, conseqüentemente, da extensão aos diferentes modos de ocupação, significado e resignificação foram afloradas.

A respeito dos espaços possíveis aos encontros em análise, as localidades até então abrangem toda a metrópole. O que evidencia um cenário artístico com interpretações do espaço urbano da cidade diferentemente da oferta e distribuição artística oferecida pelo Estado: específica, pontual, centralizada e momentânea.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusões

A circular por áreas temáticas de conflito, demanda e experiências partícipes da condição urbana, o objetivo geral deste trabalho apresentou as fluidas e constantes percepções ocorridas durante o processo temporal, material, energético e vital condicionado à recém-pesquisa: o quanto este trajeto foi transformado desde a submissão do resumo aprovado até sua idealização futura de dissertação concluída.

A presente pesquisa então embrionária tem o propósito maior de um resultado que identifique nos encontros, quais os motivos, mecanismo de diálogo e permanência destes grupos de jovens, na escolha e prática da dança em espaços públicos abertos da cidade.

Deste modo, os processos existentes de adequação para/ao/do espaço com/pelo/ao corpo em consideração às relações, interações, representações e emoções da linguagem corpo x cidade, manifestadas pela dinâmica do movimento dos encontros são manifestações cotidianas a revelar o auto (re)conhecimento dos mundos: da dança, dos jovens e (das cidades dentro) da cidade do Rio.

Nesse sentido, o que se alcançou até o momento foram alterações para o estudo da pesquisa como a incompatibilidade da sequência no acompanhamento dos jovens do passinho pela inexistência de seus encontros; amplitude aos locais que agora cobrem toda a metrópole carioca ao ser iniciada a metodologia dos itinerários; ciência de que os encontros em locais abertos não são exclusivamente por falta de locais fechados como salas em academias para a realização desta atividade; magnitude aos diversos modos de uso, para fins financeiros como quando em trens e metrô, para treinos livres sem pertencimento de um grupo ou para ensaios coreográficos que visam apresentações em eventos e competições, para citar algumas das situações.

O material é um estudo embebido em minha vivência atual de pesquisadora em resgate as minhas memórias do período de experiência em atuações com dança em ruas e espaços públicos urbanos. As terminações para este, atuam como considerações parciais ao trabalho ainda em processo. Um trabalho atento ao exercício de se repensar, com a junção dos pares dança x cidade, corpo x urbano, os modos como cada ambiente é utilizado, visando à superação dos limites impostos pelas especificidades funcionais criadas para cada atmosfera.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- AZEVEDO, Paulo. A dança como expressão de um corpo político. 2012. Disponível em: https://iiseminarioppgsufscar.files.wordpress.com/2012/04/azevedo_paulo-emc3adlio-machado.pdf
- BARREIRA, Irllys A. F. Cidade, atores e processos sociais: o legado sociológico de Lúcio. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 25, n°. 72, p. 149-159, fev. 2010.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n.19, p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.
- BRITTO, Fabiana D. A ideia de corpografia urbana como pista de análise. Revista redobre, n.12, p. 36-38, 2013.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. LOURO, Guacira Lopes (org.): O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte. Autêntica, p. 153-172, 2000.
- CHARÃO, C. Porque dançamos? In.: Reportagens; Comportamento, Revista Galileu, Editora Globo, p. 58-63, 2002.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- FILHO, A. V. Pesquisar o cotidiano é criar Metodologias. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 98, p. 97-110, jan./abr. 2007.
- HARVEY, D. A arte da renda: a globalização e transformação da cultura em commodities. In: A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, p.219-239. 2005.
- LABAN, Rudolf. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, C. O olhar distanciado. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Revista Estudos Feministas [online]. v.10, n.1, p. 155-167, 2002.
- REGINENSI, Caterine. Etnografia das margens da cidade: a Margem da Linha em Campos dos Goytacazes. Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política. v.5, n.2, p. 19-40, jul./dez. 2015.
- RIBEIRO, Ana Clara T. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. Caderno CRH, Universidade Federal da Bahia (Salvador/Brasil), vol. 18, n°. 45, p. 411-422, set.-dez., 2005.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SOUZA, J. B. L. de. A dança como possibilidade de ação educativa libertadora. IX ANPED SUL - Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012.

VERDERI, E. Dança na Escola – uma proposta Pedagógica. São Paulo: Phorte Editora, 2009.